

resenha bibliográfica/book review

Rogério Arthmar*

Doutor em Economia pela FEA-USP

NASAR, Sylvia. **A Imaginação Econômica. Gênios que Criaram a Economia Moderna e Mudaram a História.** São Paulo: Companhia das Letras, Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura, 2011, 577 p.

O livro de Sylvia Nasar, *Imaginação Econômica. Gênios que criaram a economia moderna e mudaram a história*, ora publicado na sua versão em português,¹ deve ser apreciado, antes de tudo, como uma obra não convencional sobre a economia. O objetivo da autora é apresentar as ideias de pensadores selecionados, a partir da segunda metade do século dezanove, os quais teriam contribuído decisivamente para constituir um corpo de conhecimentos capaz de solucionar o problema nevrálgico do mundo moderno, tal como apontado por Keynes, de alcançar conjuntamente “eficiência econômica, justiça social e liberdade individual” (NASAR, 2011, p. 13). O método do livro, por assim dizer, consiste em combinar relato histórico, dados biográficos e as principais teses dos

* Bolsista PQ-2 do CNPq. Professor Associado IV do Departamento de Economia e do Mestrado em Economia da Universidade Federal do Espírito Santo. Email: rogerio.arthmar@ufes.br.

1 O título original é *Grand pursuit. The story of economic genius*, 2011. A autora, nascida na Alemanha e naturalizada norte-americana, é jornalista com mestrado em economia obtido na Universidade de Nova Iorque, ocupando atualmente a cátedra de Jornalismo Econômico na Universidade de Columbia. É dela o livro biográfico sobre o matemático, laureado com o Nobel de Economia, John Forbes Nash, *A beautiful mind* (1998), traduzido para dezenas de idiomas e que inspirou a premiada produção cinematográfica de mesmo título no ano de 2001.

economistas selecionados. A trama desenrola-se num cenário em que cada um deles mantém contato direto ou casual, em determinado ponto da narrativa, com outro economista subsequente, conformando um cortejo linear de acontecimentos cujo fio condutor localiza-se na vida dos personagens examinados.

Devido a essa estrutura singular, o livro possui méritos e problemas que devem ser tratados separadamente. De início, é salutar que a longa e atribulada formação do que se conhece hoje como a ciência econômica seja objeto de tratamento vivaz e espirituoso, apartado da aridez e sobriedade características dos trabalhos acadêmicos na área. As referências bibliográficas são numerosas e pertinentes, atestando o empenho da autora em fundamentar de maneira sólida o seu relato. Além disso, posto que o livro se encontra dirigido ao grande público, o seu presumível sucesso terá por efeito apresentar ao cidadão comum uma face menos vetusta dessa ciência reconhecida, em geral, como de extrema importância, mas também como relativamente intrincada. Nesse sentido, ao incluir aspectos biográficos dos economistas elencados no correr do texto, Nasar permite aos interessados vislumbrarem os traços humanos dos pensadores que dedicaram suas vidas, muitas delas afligidas por agudos conflitos pessoais, a analisar em profundidade os fenômenos econômicos de seu tempo, inspirando-os a lutar por mudanças nos destinos da sociedade em que viviam.

É de ressaltar igualmente a ênfase concedida à contribuição feminina à economia, comumente negligenciada em meio a um universo avassalador de nomes masculinos. Assim, Nasar dedica o segundo maior capítulo do livro à história pessoal de Beatrice Webb (NASAR, 2011: cap. 3), nascida de família abastada e que, progressivamente, recusou-se a desempenhar o papel submisso reservado à mulher na Inglaterra vitoriana, envolvendo-se, em vez disso, com as questões trabalhistas do país e esposando Sidney Webb, após aderir ao movimento Fabiano, com quem passaria a formular os princípios de um estado de bem-estar social (NASAR, 2011: 110-158)². A indomável Joan Robinson, adiante, surge

2 No capítulo dedicado a Alfred Marshall, Nasar reserva quatro páginas a Mary Paley, esposa do economista, tendo o casal escrito em conjunto *The economics of industry* no ano de 1879. Com referência ao papel das mulheres na formação da ciência econômica, duas ausências são conspícuas no livro em tela, a saber, a de Harriet Taylor (1807-1858), esposa de John Stuart Mill e que o influenciou decisivamente



como figura central em dois capítulos, enfrentando inicialmente a vigorosa tradição masculina de Cambridge durante a sua etapa de formação acadêmica (NASAR, 2011: cap. 11) e, após, já famosa, defendendo o manejo keynesiano da demanda e o planejamento econômico ao estilo socialista (NASAR, 2011: cap. 17). Vale a pena reproduzir curto excerto do livro onde a autora descreve os obstáculos enfrentados pelas alunas de Cambridge nos idos dos anos de 1920:

A regra que lhes proibia de trajar becas como as dos homens, por ocasião de conferências, impondo-lhes o uso de vestidos e chapéus, era apenas um dos muitos lembretes diários de seu status inferior [...] Joan e outras alunas de Arthur Pigou, um eminente economista que substituíra Alfred Marshall, só podiam entregar seus ensaios na guarita do porteiro, enquanto aos alunos era permitido levá-los diretamente à sala do professor, onde eram convidados a permanecer para uma conversa [...] O *Monday Political Economy Club*, o berçário de Keynes frequentado por futuras estrelas, era aberto aos homens, mas somente mediante convite, e não às mulheres (NASAR, 2011: 368).

No conjunto da obra, três momentos podem ser destacados. Primeiramente, a descrição minuciosa das agruras do *enfant terrible* Joseph Alois Schumpeter como o mais jovem Ministro das Finanças da Áustria do pós-I Guerra, no ano de 1919 (NASAR, 2011: cap. 6), quando a capital Viena atravessou situação crítica, com a sua população assolada pela fome e pelo frio vagando desolada entre os suntuosos palácios do antigo Império Austro-Húngaro. A impotência de Schumpeter em agir de forma efetiva para restabelecer o mínimo de normalidade financeira no país e, a partir daí, assegurar o abastecimento regular da cidade, refletia apenas a completa ausência de estratégia do Bloco Aliado em promover a reconstrução ordenada do continente europeu ao final da conflagração mundial. No capítulo seguinte, Nasar alcança outro ponto importante

em sua visão dos problemas sociais da época na Inglaterra, bem como a de Rosa Luxemburgo (1871-1919), revolucionária polonesa e teórica do imperialismo, mencionada apenas ocasionalmente ao longo da obra (NASAR, 2011: 473-474; sobre Mill e Harriet Taylor, veja-se HIMMELFARB, 1968: 113-154; e, sobre a teoria de Rosa Luxemburgo, BLEANEY, 1976: 186-201; MIGLIOLI, 1985: 165-205; avaliação abrangente da contribuição feminina à economia é oferecida por WITTMANN, 1992).



da obra quando remete o leitor ao conturbado ambiente da Conferência de Versalhes (NASAR, 2011: cap. 7), na qual o ainda jovem e promissor John Maynard Keynes, assistente do Tesouro britânico, vê as esperanças de um acerto razoável para as reparações alemãs e as dívidas de guerra ruírem fragorosamente por conta da intolerância dos líderes das nações vitoriosas. Após alguns capítulos descrevendo as trajetórias de Schumpeter, Friedrich Von Hayek, Irving Fisher e Keynes durante a retomada do padrão-ouro na década de 1920, bem como no curso da Grande Depressão e da II Guerra Mundial, Nasar chega ao bucólico cenário de Bretton Woods, local em que se decidem os rumos da economia mundial (NASAR, 2011: cap. 14). O contraste não poderia ser maior. O combalido, mas maduro, Keynes tem ali a oportunidade não só de testemunhar a influência, mas também de por em prática as novas ideias que ajudara a construir, dando forma concreta a uma visão do papel da economia radicalmente distinta daquela prevalecente ao tempo de Versalhes. Eis alguns excertos relevantes do livro sobre este evento crucial:

O objetivo da Conferência de Bretton Woods era reavivar o comércio mundial, estabilizar as moedas e lidar com as dívidas de guerra e os mercados de crédito, então congelados [...] No sentido mais amplo, a recuperação implicava reedificação e reconstrução, regressar à globalização anterior a 1913 mas sem retomar o pressuposto do período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, segundo o qual o maquinário econômico funcionava automaticamente [...] A estabilidade econômica era a chave da estabilidade política e o crescimento econômico era a condição necessária, quando não suficiente, para a sobrevivência do Ocidente a longo prazo (NASAR, 2011: 422).

Um terceiro momento a ser realçado em *Imaginação Econômica* interessa particularmente aos economistas, pois a autora mostra como, a partir das diversas agências criadas pelo Presidente Franklin D. Roosevelt para implementar o *New Deal*, juntamente com outras dedicadas a coordenar o esforço de guerra, criou-se um espaço institucional permanente na poderosa sociedade norte-americana para a ação de profissionais com conhecimento específico da economia, particularmente dos novos preceitos keynesianos (NASAR, 2011: cap. 16). Papel fundamental



nesse processo estaria reservado a Paul Anthony Samuelson, que no livro *Economics: an introductory analysis* (1948) combinou num único volume as contas nacionais, a determinação da renda agregada, os fundamentos da oferta e da demanda, a moeda e o sistema bancário, bem como as transações internacionais, tendo obtido imenso sucesso editorial. Esse casamento entre as abordagens keynesiana, privilegiando o conjunto da economia, e marshalliana, voltada ao comportamento da firma e dos mercados individuais, foi por ele denominado “síntese neoclássica”³. O livro pregava o uso dos instrumentos fiscais e monetários para a administração da demanda e a promoção do emprego, tendo sido duramente atacado por, presumivelmente, atentar contra a liberdade dos mercados. Seja como for, tais eventos forneceriam grande estímulo à profissionalização da economia como campo autônomo do saber, materializada na proliferação dos cursos respectivos nas universidades norte-americanas e, com o tempo, no restante do mundo⁴.

A despeito dos méritos de Nasar, o resultado final de seu esforço padece de certos problemas. O mais proeminente se encontra na própria extensão do livro, com quase quinhentas páginas de texto, o que é seguramente excessivo para uma obra com o objetivo indicado. Não fosse isso o bastante, as três partes em que se divide o volume completo contêm capítulos com extensão declinante à medida que a narrativa avança, como se a autora estivesse a perder o fôlego com o andamento do trabalho. Assim, os cinco primeiros capítulos do Primeiro Ato (Esperança) têm em média 38 páginas, tornando a leitura sobremaneira cansativa. Já os oito capítulos seguintes, incluídos no Segundo Ato (Te-

- 3 Como anotaram Vroey e Duarte, em artigo recente, ao revisarem as edições iniciais de *Economics*: “O que Samuelson parece pretender afirmar é que a síntese neoclássica descreve um consenso na profissão de acordo com o qual a maioria de seus membros, sejam eles macroeconomistas ou não, aderiram à visão de que intervenções de caráter fiscal e monetário seriam instrumentos apropriados para a estabilização” (DE VROEY, DUARTE, 2012: 2; todas as traduções nesta resenha são de nossa autoria).
- 4 Em 1903, após intensa mobilização para vencer a burocracia universitária, Alfred Marshall logrou estabelecer em Cambridge a especialização em Economia por meio dos primeiros exames finais na área (*Economic Tripos*). Em carta datada de 1899, ele já antevia a necessidade da iniciativa: “A amplitude, complexidade e eficácia dos métodos econômicos tem se desenvolvido rapidamente, como os das demais ciências. Mas, além disso, o conteúdo da economia recebe a cada ano tamanhas adições que ninguém consegue se manter atualizado em todos os ramos dessa ciência” (carta a George Darwin, 24 de março de 1899, in GROENEWEGEN, 1995: 539).



mor), têm média de 24 páginas cada, enquanto o Terceiro Ato (Confiança) contém cinco capítulos, com média de 13 páginas cada. Ou seja, a parte difícil do processo consiste em vencer os longos capítulos iniciais, tornando-se a tarefa mais palatável com o correr das páginas.

Uma segunda deficiência do livro, avançando no conteúdo, consiste na exclusão liminar da trajetória da França, bem como da contribuição do país ao conhecimento econômico durante o período. Do ponto de vista histórico, restou esquecida por Nasar a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), a qual resultou em pesadas reparações pagas pelos franceses à Prússia, um dos fatores a alimentar a voracidade dos anfitriões na Conferência de Versalhes. Ainda, não há menção à experiência de reconstrução nacional no pós-I Guerra com base nos orçamentos deficitários, o que evitou o impacto recessivo da crise de 1920-1921 na economia francesa, como Keynes viria a advogar na década seguinte (veja-se BRODER, 1993: 213-217; BLANCHETON, 2001: caps. 2-3). Resulta estranho também que o nome de Léon Walras (1834-1910) seja referenciado apenas de forma rápida em duas oportunidades, haja vista ter sido ele o fundador da Escola de Lausanne e principal expoente da forte corrente da ciência econômica associada aos estudos do equilíbrio geral. A teoria do desenvolvimento econômico de Schumpeter, que ocupa papel de destaque na narrativa de Nasar, tem como ponto de partida o fluxo circular walrasiano⁵. Ademais, autores franceses como Clément Juglar (1819-1905) e Albert Aftalion (1875-1956) ofereceram importantes contribuições à teoria dos ciclos econômicos antes de Keynes, salientando o papel do crédito nas flutuações comerciais, a instabilidade na produção de bens de capital e as limitações da Lei de Say (veja-se HANSEN, 1964: 277-80, 347-362; BRETON, LUTFALLA, 1991: caps. 2-6)⁶. Por óbvio, num livro com o objetivo descrito, inúmeros economistas permaneceriam de fora, mas a observação é apropriada em

5 O próprio Walras, de resto, era também um reformador social, defendendo o cooperativismo e a nacionalização das terras de modo a que o Estado se apropriasse da renda fundiária nascida do monopólio do solo, o que permitiria a abolição dos impostos sobre os salários e os lucros (GIDE, RIST, 1922: 644-646; sobre a Escola de Lausanne, consulte-se MÉNARD, 1990: 95-136).

6 No mesmo sentido, Knut Wicksell (1851-1926) deveria haver recebido algum destaque por parte de Nasar, considerando-se a imensa influência da teoria dos processos cumulativos elaborada pelo economista sueco nas explicações dos ciclos econômicos durante o entreguerras (veja-se LAIDLER, 1991 :119-152).

vista do espaço desproporcional que Nasar dedica, por exemplo, a Irving Fisher, cortesia indisfarçável ao vasto público leitor norte-americano.

Em terceiro lugar, não ficam esclarecidos ao leigo, em *Imaginação Econômica*, os elementos básicos de funcionamento do sistema de padrão-ouro que comandou a Economia Atlântica, ou seja, os estados europeus, de um lado, e a América do Norte, do outro, durante o último quartel do século dezenove e a primeira metade dos anos de 1920. No período clássico do sistema de padrão-ouro (1870-1914), cada moeda nacional estava definida por certa quantidade do metal, de modo que se formava todo um complexo de taxas de câmbio fixas, com a libra esterlina funcionando como referência. Na maioria dos países, em caso de déficit na balança comercial e consequente evasão de ouro para cobrir a diferença nos pagamentos externos, o Banco Central costumava elevar as taxas de juros, o que restringia o crédito e, por decorrência, diminuía os investimentos. Com isso, as importações declinavam devido à contração na atividade doméstica, criando-se uma pressão deflacionária interna que tendia a estimular as exportações e a reverter a situação deficitária original. Dificilmente, contudo, movimento reverso era observado quando do registro de superávits nas contas externas, porquanto o ingresso de ouro era interpretado como algo salutar, ensejando operações de esterilização da oferta monetária adicional por parte das autoridades a fim de evitar a elevação dos preços internos e a dissipação dos ganhos comerciais. O sistema de padrão-ouro, portanto, tinha forte viés deflacionário, ao mesmo tempo em que a preocupação com o desemprego era mínima. A retomada desse regime no período do entreguerras terminou comprometida pela extensão do direito ao voto e pela ascensão dos partidos vinculados aos trabalhadores, quando se tornou evidente a oposição entre a defesa da conversibilidade da moeda e a execução das políticas de fomento ao emprego (BORDO, SCHWARTZ, 1984: 23-113; EICHENGREEN, 1995: caps. 2-7).

O texto de Nasar padece ainda de dois problemas adicionais. O primeiro deles consiste na insistência em realçar detalhes supostamente comprometedores da vida pessoal dos economistas relacionados no livro e que, na quase totalidade dos casos, não estão relacionados com os eventos históricos apresentados ou com as ideias defendidas pelos personagens em questão. Esbanjamento, recurso à prostituição, desleixo pessoal, traições amorosas e outros comportamentos similares são elen-

cados com regularidade ao longo dos capítulos, provavelmente com a pretensão equivocada de cativar a atenção do leitor incauto. Não fosse isso o bastante, Nasar é pródigo em certificar dedicação à causa comunista por parte de vários economistas, tais como o casal Robinson, Piero Sraffa, Richard Ferdinand Kahn e, inclusive, o representante norte-americano em Bretton Woods, Harry Dexter White, acusado à época de ser espião soviético (NASAR, 2011: 366-367, 425-428, 461-463). A evidência apontada não é conclusiva sobre o assunto que, de resto, mostra-se de escassa relevância no conjunto da obra, afigurando-se mais propriamente como reminiscências da Guerra Fria há muito sepultada. Tudo isso contribui para a extensão avantajada do livro que, por certo, seria deveras beneficiado por edição mais compacta.

Por fim, com as devidas ressalvas, pode-se dizer que *Imaginação Econômica* oferece leitura interessante ao público, reconstruindo o desenvolvimento da economia por meio da trajetória pessoal de seus principais expoentes como Karl Marx, Marshall, Schumpeter e Keynes, entre outros, situados em seus respectivos contextos históricos, e cujas teses viriam a comandar os destinos do mundo no século vinte. A repetição de uma obra dessa natureza no futuro parece improvável, tendo em vista que a profissionalização do conhecimento econômico gerou a consolidação de uma diversidade de especializações no interior da área nas quais o brilhantismo individual cede lugar ao trabalho em equipe⁷.

Em suas considerações finais, Nasar chama a atenção, em poucas páginas, para os ganhos econômicos em escala global obtidos durante as últimas décadas, decorrentes em grande parte das iniciativas de estabilização das flutuações cíclicas que viabilizaram melhorias nas condições de vida de largos segmentos da população mundial. A fórmula do sucesso de longo prazo envolveria avanços constantes na produtividade, regimes políticos representativos, economias de mercado e sistemas de bem-estar social. Ou, como colocado pela própria autora:

7 Avaliando a produção científica internacional na área de economia no período de 1991 a 2006, Cardoso, Guimarães e Zimmermann (2010: 18) concluíram: “Os principais países europeus continentais, Alemanha, França, Itália e Espanha experimentaram algumas das maiores taxas de crescimento na produção científica em economia [...] A pesquisa em colaboração parece ser fator chave no sucesso relativo de alguns países europeus”.

A realidade superou a imaginação. Até mesmo Schumpeter não poderia imaginar que a população do mundo seria seis vezes maior, porém dez vezes mais afluente, ou que a fração de cidadãos que viviam na mais extrema pobreza diminuiria em cinco sextos [...] Não existe caminho de volta. Ninguém debate mais se devemos ou não controlar nossas circunstâncias econômicas. Trata-se apenas de saber como (NASAR, 2011: 496-497).

Apesar do otimismo de Nasar, a realidade é que problemas econômicos de larga magnitude persistem. Basta lembrar a recorrência e o alcance das crises financeiras internacionais, a divergência crescente entre o desempenho dos blocos de países, a luta por melhorias na distribuição da renda, o dilema entre globalização e nacionalismo, a degradação do meio ambiente, bem como o sempre premente desafio da corrida tecnológica (veja-se BOLTTO, TONIOLO, 1999). Nenhuma dessas dificuldades parece próxima de ter sido sequer atenuada nos últimos tempos.

Referências bibliográficas

- BLANCHETON, Bernard. **Le Pape et l'Empereur**. La Banque de France, la direction du Trésor et la politique monétaire de la France (1914-1928). Paris: Albin Michel, 2001.
- BLEANEY, Michael F. **Underconsumption theories**. A history and critical analysis. New York: International Publishers, 1976.
- BOLTTO, Andrea, TONIOLO, Gianni. The assessment: the twentieth century. Achievements, failures, lessons. **Oxford Review of Economic Policy**, v. 15, n. 4, p. 1-17, 1999.
- BORDO, Michael, SCHWARTZ, Anna J (eds.). **A retrospective on the classical gold-standard, 1821-1931**. Chicago: National Bureau of Economic Research, 1984.
- BRETON, Yves, LUTFALLA, Michel (eds.). **L'économie politique en France au XIX^e siècle**. Paris: Economica, 1991.
- BRODER, Albert. **L'économie française au XIX^e siècle**. Paris: Ophrys, 1993.
- CARDOSO, Ana R., GUIMARÃES, Paulo, ZIMMERMAN, Klaus. **Trends in economic research: an international perspective**. Institute for the Study of Labor, Discussion Paper 4785, Feb 2010.
- DEVROEY, Michel, DUARTE, Pedro G. In search of lost time: the neoclassical synthesis. **40^o Encontro Nacional de Economia ANPEC**. Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro_2012.htm>. Acesso em 08 de novembro de 2012.

- EICHENGREEN, Barry. **Golden fetters**. The gold-standard and the Great Depression 1919-1939. Oxford University Press, 1995.
- GIDE, Charles, RIST, Charles. **Histoire des doctrines économiques depuis les physiocrates jusqu'à nous jours**. Paris: Recueil Sirey, 1922.
- GROENEWEGEN, Peter. **A soaring eagle**: Alfred Marshall 1842-1924. Aldershot: Edward Elgar, 1995.
- HANSEN, Alvin. **Business cycles and national income**. New York: W. W. Norton, 1964.
- HIMMELFARB, Gertrude. **Victorian minds**. A study of intellectuals in crisis and ideologies in transition. Chicago: Elephant Paperbacks, 1968.
- LAIDLER, David. **The golden age of the quantity theory**. Princeton University Press, 1991.
- MÉNARD, Claude. The Lausanne tradition: Walras and Pareto. In: HENNINGS, Klaus, SAMUELS, Warren (eds.). **Neoclassical economic theory, 1870 to 1930**. Boston: Kluwer Academic Publisher, p. 95-136, 1990.
- MIGLIOLI, Jorge. **Acumulação de capital e demanda efetiva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.
- WITTMANN, Marie-Véronique. Les femmes dans la pensée économique. **Revue Française d'Économie**, v. 7, n. 3, p. 113-138, 1992.